

A NECESSIDADE E AS POSSIBILIDADES DE AVALIAR O IMPACTO SOCIAL NAS/DAS/COM AS PUBLICAÇÕES QUE FAZEMOS

THE NEED AND POSSIBILITIES FOR EVALUATING THE SOCIAL IMPACT OF/THE/WITH OUR PUBLICATIONS

<https://orcid.org/0000-0003-0558-4175>  Nilda Alves 1^A

<https://orcid.org/0000-0002-2103-6948>  Alessandra Nunes Caldas 2^B

<https://orcid.org/0000-0002-1207-2795>  Noale Toja 3^C

^A Professora emérita da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

^B Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPed/UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

^C Programa de Pós-Graduação em Educação/EDU/Maracanã e no Programa de Pós-Graduação em Educação – Processos Formativos e Desigualdades Sociais (PPGEDU/FFP/UERJ), São Gonçalo, RJ, Brasil

Recebido em: 12 ago. 2025 | Aceito em: 20 out. 2025

Correspondência: Nilda Alves (nildag.alves@gmail.com)

Correspondência: Alessandra N. Caldas (nunesaldas@hotmail.com)

Correspondência: Noale Toja (noaletoja22@gmail.com)

Resumo

O artigo traz a questão de que para além da avaliação de artigos como produtos intelectuais – que está sendo profundamente mudada, o que vem trazendo inúmeras confusões e medos – nossos artigos têm impacto social. Eles são lidos e usados em inúmeras circunstâncias, por grupos sociais diversos. Apresentamos uma pesquisa realizada entre 2008 e 2015, usando o Google, em busca simples, para compreender o percurso de uso de um jornal eletrônico criado no Laboratório Educação, Imagens e Sons, do Programa de Pós-graduação em Educação (ProPed)/UERJ e de artigos publicados em anais/livros de reuniões da ANPEd e do ENDIPE. Esta pesquisa foi concluída com a ideia de que, em Educação, para além da “divulgação científica”, se faz necessária a “circulação científica”. Atualizamos essas possibilidades, trazendo o recurso da IA (Inteligência Artificial) para percorrer este caminho no momento atual. Concluímos indicando ações que julgamos adequadas à divulgação e circulação dos artigos que escrevemos.

Palavras-chave: Circulação científica; Avaliação; Impacto social; Produção intelectual.

Abstract

The article shows the question that beyond the evaluation of articles as intellectual products – which is being profoundly changed, leading to countless confusions and fears – our articles have a social impact. They are read and used in many circumstances by different social groups. We presented a research carried out between 2008 and 2015, using Google, in a simple search, to understand the path of use of an electronic newsletter created at the Education, Images and Sounds Laboratory, at the Education Postgraduate Program (ProPed/UERJ) and articles published in records/books of ANPEd and ENDIPE meetings. This research was completed with the idea that, in Education, in addition to “scientific



2025 Alves; Caldas; Toja. Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.

dissemination”, “scientific circulation” is necessary. We have updated these possibilities, bringing in the resource of AI (Artificial Intelligence) to follow this path at the current time. We conclude by indicating actions that we believe are appropriate for the dissemination and circulation of the articles we have written.

Keywords: Scientific Circulation; Evaluation; Social Impact; Intellectual Production.

Introdução

Há algum tempo se deu um acontecimento que levou à escrita deste texto. Algumas de nós tem, por hábito, nos grupos de pesquisa em que atuamos, sempre que recebemos a divulgação de uma revista publicada (ou de um livro, ou de um filme etc.), enviamos o link às/aos membras/membros do grupo e a outros grupos a nós articulados – colegas de universidades no Brasil e no exterior; colegas que atuam na Escola Básica, no Brasil. Muito raramente, recebemos alguma resposta a esse envio.

No entanto, uma colega ao desenvolver este processo com o número de janeiro/abril 2025 (v.11, n.1 - <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/issue/view/3141>) desta revista (Revista Interinstitucional Artes de Educar) que traz um dossiê com o título “A Inteligência Artificial e Educação: debates críticos e boas práticas na escola básica e na educação superior”, organizado por Edméa Santos, foi surpreendida com o número de agradecimentos que recebeu pelo envio feito. Certamente, isso se deveu à atualidade do tema e a angústia (medo?) que vem trazendo às/aos docentes.

Mas, esse acontecimento a fez parar e conversar entre nós e levou a que fosse conversar com o Coordenador da Comissão de Avaliação, da CAPES - pelo WhatsApp – em 11 de fevereiro de 2025. Como sempre, a conversa desenvolvida foi amistosa e esclarecedora, levando a escrita deste artigo. Nessa conversa, o Prof. Ângelo Ricardo de Souza escreveu:

A repercussão acadêmica, a gente verifica pelo alcance desta produção de novos conhecimentos por meio da influência dos artigos nas teses, dissertações e relatórios de pesquisa. Mas, o impacto social (e educacional) talvez seja o mais importante, e isto pode ser identificado pela presença dos debates nas escolas e redes de ensino, nos cursos de formação continuada. Os PPG devem buscar informações sobre o alcance de suas produções sobre a temática e relatar na avaliação. As estratégias de mensuração da produção são insuficientes para isto.

Com essa ideia para ser melhor pensada e detalhada, este artigo foi escrito, para sugerir como, para além do modo como nossos artigos em revista serão avaliados em item referente à produção acadêmica (2.4.2.), do documento Fichas de Avaliação Acadêmico e Profissionalⁱ – o que, também, nos vem preocupando, pois mudará muito do que foi aplicado até aqui – pudéssemos pensar e desenvolver modos de como podemos/devemos nos preocupar com os modos como nossas publicações circulam, são usadas e comentadas nas tantas redes educativas onde se desenvolvemⁱⁱ, contando com os próprios artefatos tecnológicos à disposição,

atualmente. Ou seja, pensarmos formas de indicar na Sucupira o impacto social dessa produção acadêmica que é social pois se espalha pela sociedade, circulando e exercendo influências.

Acerca da avaliação do impacto social

Inexistente até há poucos anos, a questão da importância do impacto social – cujo debate e significado tem longa história de existência em Educação, sem ser avaliado - tem sido mais bem compreendida e, hoje, está posta como um dos três itens de avaliação na ficha que usaremos no próximo quadriênio (2025-2028) (CAPES, 2025).

Neste documento, o impacto social é compreendido por três ações possíveis de realização: inserção, visibilidade e popularização da ciência, assim explicitadas no referido documento:

Inserção: local, regional, nacional, internacional

A inserção da ciência refere-se ao processo de integração e conexão com diferentes setores da sociedade, como indústria, educação, governo e comunidade em geral.

Visibilidade: A visibilidade da ciência diz respeito à forma como os resultados da pesquisa científica e o trabalho dos cientistas são apresentados e reconhecidos pela sociedade, pela mídia, pelos governos e pelos profissionais da área. A visibilidade é essencial para que a produção científica seja reconhecida e valorizada.

Popularização da ciência: A popularização da ciência envolve torná-la acessível e compreensível para o público em geral, especialmente para aqueles que não têm formação científica. O objetivo é engajar a sociedade, estimulando o interesse pela ciência e suas descobertas, além de educar sobre seu valor e impacto no cotidiano. (p. 44-45)

Essas três ações são apresentadas com exemplos e produtos diversos a que devemos dar nossa atenção.

Temos encontrado alguns poucos artigos que tentam trabalhar com essa questão do impacto social. Mas observação que as indicações feitas se preocupam, basicamente, com a possibilidades de sua avaliação em determinados parâmetros. O mais recente desse artigo que conhecemos é bem interessante e a ele remetemos nossos leitores: BRELAZ, Gabriela de et Alii, 2025.

A questão da circulação científica

Para dar conta das múltiplas e complexas relações existentes ‘dentrofora’ⁱⁱⁱ de nossas escolas, universidades e pesquisas, precisamos de formas diferentes de expressá-las, com as múltiplas narrativas, imagens e sons que nelas surgem. Assim, percebemos que se tornou necessário buscarmos as articulações realizadas entre o que se produzia nas pesquisas dentro

da corrente de estudos com os cotidianos e como atingiam aqueles com os quais elas se preocupavam, os ‘*praticantespensantes*’ com quem ‘conversamos’ e com os artefatos que usam e criam.

Então, há quase duas décadas, quando uma das autoras deste artigo iniciou sua dissertação em torno do Jornal Eletrônico Educação e Imagem, do Laboratório de Educação, Imagens e Sons da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, uma das professoras entrevistadas para o trabalho – Prof. Dra Raquel Goulart, do ProPed/UERJ - perguntou: “mas quem são as pessoas que leem nossos artigos neste jornal? Será que alguém os lê?”

Responder a essa questão se tornou, então, o objetivo central da dissertação e se estendeu para tese: como se processa a divulgação científica nas pesquisas com os cotidianos? Considerando-se as várias possibilidades de interatividade permitidas pelos artefatos tecnológicos disponíveis, naquele então, e considerando a não passividade dos ‘*praticantespensantes*’ dos cotidianos, como já se vem discutindo há anos, passamos a trabalhar buscando entender como se davam as relações entre o que era produzido nas universidades, na área, e o que era ‘usado’ (Certeau, 2014)^{iv} disto em outros ‘*espaçostempos*’. Mas agora parece um tanto ou quanto simples dizer que “a não passividade” desses ‘*praticantespensantes*’. Entendemos, então, que esses processos de uso residem nas mediações e na criação de novos significados e tecnologias que ele faz a partir dos produtos culturais que recebe prontos. Até porque as formas de produção e distribuição dos bens e serviços culturais também mudam e são extremamente diferenciadas. Já dizia Martín-Barbero em 2014, que “*esse novo modo de produzir, confusamente associado a um novo modo de comunicar, transforma o conhecimento numa força produtiva direta*” (p.19). Um dos significados a que essa afirmação do autor remete é que nesse novo modo de produzir, o receptor também encontra ‘*espaçostempos*’ para comunicar. Poder-se-ia pensar então que os ‘*praticantespensantes*’, agora, podem ser considerados, com muita frequência, ativos nos processos de comunicação no uso dos artefatos postos para consumo e que neles se dão processos educativos diversos. Em suma, o usuário é potencialmente, ao mesmo tempo, ‘produtor’, ‘autor’, ‘crítico’, ‘espectador’, ‘colaborador’, ‘contemplador’, ‘conhecedor’, ‘criador’... Tudo isso que nos cotidianos sempre foi, mas que os nossos usos dos artefatos tecnológicos têm permitido colocar em relevo.

Assim os artefatos culturais - com a grande possibilidade de criação nas e com as tecnologias nos/com os ‘usos’ variados e complexos que permitem - têm revolucionado a circulação de informações e, também, a difusão de ‘*conhecimentossignificações*’ científicos, uma vez que permitem, por um lado, trocas mais rápidas entre cientistas de equipes colocadas

geograficamente próximas ou distantes e, por outro lado, que os ‘*praticantespensantes*’ de várias e complexas redes educativas possam estabelecer novas formas de produzir/criar/reconhecer/trocar ‘*conhecimentossignificações*’. Tudo isto significa que processos diversos de alocar, de se apropriar e de fazer circular ‘*conhecimentossignificações*’ têm levado a que sejam re-organizados “mundos culturais” extremamente diversos, produzindo conexões complexas entre as redes educativas que formamos e nas quais nos formamos. A maior acessibilidade aos artefatos tecnológicos tem permitido isto em crescimento exponencial, levando à circulação mais rápida e mais articulada de ideias e aos ‘usos’ criativos desses/nesses/com esses meios.

A partir dessas ideias, propomos o ‘uso’ da divulgação científica como potência para pensar e praticar a ‘circulação’ de ‘*conhecimentossignificações*’ criados nessas múltiplas redes educativas. O que buscamos, nessa trajetória, é ultrapassar a ideia subjacente à expressão ‘divulgação científica’, que sugere uma unilateralidade e/ou, no mínimo, uma segregação entre cientistas e “todo o resto”. O que temos buscado compreender e mostrar é que, ao fazerem ‘usos’ diversos e imprevisíveis dos ‘*conhecimentossignificações*’ científicos disponibilizados pelas diferentes redes educativas, as/os usuários/docentes/pesquisadores os põem para circular, possibilitando apropriações, ressignificações e criação de outros ‘*conhecimentossignificações*’^v. Por isso mesmo, temos lutado para que se considere que é mais aplicável à área da Educação o termo ‘circulação científica’ por entendermos que esses movimentos são indispensáveis nesse campo. Assim,

o que propomos é uma circulação da produção [...] possibilitando uma ‘conversação científica’, tanto no sentido das/dos pesquisadores/professores inseridos na Universidade para seus colegas atuante nas escolas, como no sentido das/dos professores/pesquisadores que, em suas práticas curriculares nas escolas, passam a contribuir com os [...] [‘*conhecimentossignificações*’] que criam cotidianamente, na melhor compreensão dos processos curriculares. Com essa atitude, propomos o ‘uso’ da divulgação científica como potência para pensar e praticar a circulação de [...] [‘*conhecimentossignificações*’], [...] [articulando] os pólos de produção e emissão, e considerando a ‘conversação científica’, da qual todos podem participar, como parte integrante e fundamental da produção de ciência, na área da educação. Tudo isto vem permitindo transformações que ressoam em nossas possibilidades de expressão, sensação, entendimento [...] [na] ‘*aprendizagemensino*’ pelos mais diversos ‘*espaçostempos*’ [...]. E, mais ainda, criando a compreensão de que, nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos, em múltiplas questões curriculares, não são possíveis criar [...] [‘*conhecimentossignificações*’] válidos sem a intensa participação de todos os seus [...] [‘*praticantespensantes*’] (Caldas, 2010, p. 73).

Tudo isto vem permitindo transformações que ressoam em nossas possibilidades de expressão, sensação, entendimento, ‘*aprendizagemensino*’ pelos mais diversos

‘*espaçotempos*’ das diversas redes educativas, entendendo suas conexões e as articulações que seus ‘*praticantespensantes*’ criam entre si e entre as diversas redes por onde circulam. E, mais ainda, criando a compreensão de que, nas pesquisas com os cotidianos, em múltiplas questões curriculares, não é possível criar ‘*conhecimentossignificações*’ válidos sem a participação de todos os seus ‘*praticantespensantes*’. Sem que saibamos o que fazem com aquilo que circula, o que ‘*fazempensam*’ quando entram em contato com aquilo que os atingiu em situações de divulgação científica, dentro de processos que fazem circular ‘*conhecimentossignificações*’ criados em processos científicos.

Os movimentos que vamos percebendo na pesquisa que realizamos, basicamente, valendo-nos da Internet, nos indicam que existe intensa circulação de ‘*conhecimentossignificações*’ científicas, em Educação. Essa circulação vem estabelecendo “conversações científicas” que implicam processos múltiplos de partilha, crítica, recusa, afiliação, alargamento, (re)elaboração, apropriação, tradução, negociação e, permanentemente, a produção coletiva de ‘*conhecimentossignificações*’ que nos permitem melhor entender o que quer que, como pesquisador, estejamos procurando entender.

Desse modo, vamos compreendendo a importância daqueles que antes eram entendidos, unicamente, como ‘consumidores’ de ‘*conhecimentossignificações*’ científicas e que são, nessas redes, também criadores e indicadores de possibilidades científicas, nos ‘usos’ que fazem do que é produzido nos considerados ‘*espaçotempos*’ das ciências.

Assim, o que se vai criando nas redes educativas, com relevo para a internet, indica que o que é produzido em ‘*espaçotempos*’ da Universidade vem sendo ‘ocupado’ e mesmo ‘invadido’ por ‘mundos culturais’ outros e por pensamentos de outros ‘*praticantespensantes*’. Esses processos vêm se dando, vamos percebendo, porque pela sua publicação, em múltiplos ‘*espaçotempos*’, os ‘*conhecimentossignificações*’ produzidos pelas ciências vão sendo expandidos, dispersados, multiplicados e esgarçados, através das ‘conversações’ nesses novos artefatos e seus múltiplos e diversificados ‘usos’, pelos inúmeros ‘*praticantespensantes*’ que neles estão.

Hoje além dos ‘usos’ do Google – trabalhado na dissertação e tese citadas anteriormente - vemos os ‘usos’ do ChatGPT, onde a circulação científica pode ser entendida como uma evolução na forma como acessamos, compartilhamos e produzimos ‘*conhecimentossignificações*’. No caso do Google, a circulação científica se dá principalmente através da busca por informações, artigos, estudos e dados disponíveis na internet. Ele funciona como uma ferramenta de acesso rápido a uma vasta quantidade de fontes, permitindo que

pesquisadoras/pesquisadores, estudantes e o público em geral encontrem conteúdos diversos para fundamentar suas pesquisas e estudos. Essa circulação é caracterizada pela disseminação de informações já existentes, muitas vezes de forma descentralizada, dependendo da indexação de sites, periódicos e bancos de dados.

No entanto, ao lidarmos com o uso do ChatGPT, por se tratar de um treinamento de máquina, ele representa uma mudança na circulação de informações, pois atua como um dispositivo de geração de conteúdo e interação. Em vez de apenas buscar informações, o ChatGPT pode produzir textos, responder perguntas, auxiliar na elaboração de ideias e até oferecer explicações personalizadas. Desse modo, a circulação científica passa a incluir a produção de conhecimento de forma mais interativa e instantânea, com o usuário podendo obter respostas elaboradas e contextualizadas em tempo real. Enquanto o Google facilita a circulação de informações existentes, o ChatGPT amplia essa circulação ao possibilitar a geração de novos conteúdos e interações, transformando a maneira como acessamos e produzimos conhecimentos na era digital, o que implica outras dimensões de responsabilidades que mobilizam com mais afinco a ética e a estética em seu uso.

Do Google ao ChatGPT - sugestões de modos de acompanhar a circulação científica de nossos artigos

Ao nos dedicarmos à escrita sobre um tema ou abordagem específica em nossas pesquisas, desejamos criar um ambiente de conversa com nossos leitores, convidando-os ao ato de *'fazersentirpensar'* conosco e com aqueles que são nossos intercessores ou personagens conceituais (DELEUZE; GUATTARI, 1993) e (ALVES, 2010). Estes se corporificam por meio de nossos referenciais teóricos e dos tantos artefatos tecnoculturais (NOLASCO-SILVA, 2024) e (TOJA; TEIXEIRA, 2025) que produzimos e nos produzem nos diferentes movimentos *'dentrofora'* das escolas e das pesquisas. Para a compreensão dessa ideia de personagens conceituais, Alves nos diz:

Os personagens conceituais são, assim, aquelas figuras, argumentos ou artefatos que entram como o outro – aquele com quem se “conversa” e que permanece presente por muito tempo para que possamos acumular as ideias necessárias ao desenvolvimento de conhecimentos nas pesquisas que desenvolvemos. Esses personagens conceituais aí têm que estar, para que o pensamento se desenvolva e para que se criem novos conhecimentos. (2010, p.1203).

E como chegamos ao referencial teórico? Nos grupos de pesquisa dos quais estamos envolvidos, a cada projeto de pesquisa, ou ao longo dos processos de pesquisa, vamos ao encontro de autores que nos ajudam a *'sentirpensar'* as orientações epistêmicas e

metodológicas que movem nossas pesquisas. Muitas dessas autorias acadêmicas são de pessoas que estão envolvidas em trabalhos que se afinam com as nossas pesquisas.

Como experiência de uma das autoras deste trabalho, algumas vezes lança mão do google para busca de determinada palavra-chave e autoria, para encontrar algum trecho, noções e ideias que sejam amparadas pelo referencial teórico sugerido. Geralmente nesta busca vem inúmeros textos relacionados ao *'prompt'* - comandos/entradas, tanto em relação a temática como a autoria. E se quisermos afinar a pesquisa, podemos incluir neste comando, ano de publicação ou revista em que foi publicada.

Neste sentido, nos é apresentado uma gama de produções científicas diretamente de sua origem, do local de sua publicação, fazendo com o que, a cada vez que o link for acessado, será computado sua visualização, e se o referido texto ou autoria for citada, também serão notificados o número de vezes que o texto foi citado.

O Google tem um sistema programado, junto com, possivelmente, os sistemas operacionais de dossiês, revistas, *orcid* (*Open Researcher and Contributor ID*)^{vi}, *DOI* (*Digital object identifier*)^{vii}, “Plataforma Lattes”, editoras, livrarias, para reunir e tratar esses dados, de modo organizá-los em sua plataforma de busca ou no Google Acadêmico.

Desta forma, à medida que vamos publicando artigos acadêmicos, veiculando suas informações em plataformas e sistemas que são linkados à sites de busca, vamos nestes *'espaçostempos'* fazendo circular nossas pesquisas, e como também municiando, apetrechando, as diferentes redes sociais que vão se compondo na internet, por meio de seus sistemas operacionais, programados por códigos de algoritmos a reunir essas informações e sistematizá-las de acordo com o *'prompt'* atribuído ao usuário.

É neste *prompt*, conferido ao usuário, ao que ele solicita e entrega que vão se formando as “inteligências artificiais”. As IAs são sistemas computacionais ou máquinas de aprendizagem treinadas para realizarem tarefas que normalmente exige da inteligência humana, ou seja, máquinas programadas numa composição complexa de algoritmos dedicada a exploração e tratamento de um intenso volume de dados, que vão identificar padrões e *'aprenderensinar'* e trabalhar a partir deles. Assim sua aplicação pode ser desde reconhecer padrões com identificação de objetos, textos, linguagens, situações, imagens e sons; processamento de linguagem, como entender, gerar texto, traduções, leitura até realizar tarefas autômatas, geradas por repetições ou atividades burocráticas.

Ao iniciarmos as conversas neste texto, percebemos que mitos e medos circundam nosso imaginário em relação às IAs. É compreensível, em um mundo competitivo e de tantas

desigualdades, que nos sentimos ameaçados, enquanto humanidade, pelas interferências das tecnologias digitais e computacionais. Essa relação é recorrente: a cada mudança de sistema econômico e de produção que a humanidade atravessa, impõe-se a desconfiança sobre a real utilidade do "novo" que está sendo implementado. No entanto, acreditamos ser importante ressaltar que, além das grandes corporações capitalistas, nós, cidadãos que compõem diferentes formas sociais, também fazemos parte dessa rede "maquínica" de aprendizagem. Com isso, "Podemos então entender a IA como um auxiliar na resolução de problemas e no desenvolvimento de demandas em uma sociedade que, devido ao sistema capitalista vigente, cada vez mais usufrui do nosso tempo e capacidade" (SORIANO; SANTOS, 2025, p.3).

Ao mesmo tempo que somos invadidos pela angustia e insegurança de perdemos terreno no campo profissional para as tecnologias em seus diferentes *'espaçostempos'* na História da Humanidade, fomos aprendendo a lançar mão de nossas criações nas práticas cotidianas para subvertermos, no miúdo, esses sistemas de controles.

Assim, voltando aos usos de chats generativos, a partir da ideia dos "parâmetros de aprendizado de máquinas" (SORIANO; SANTOS, 2025), à medida que criamos comandos refinados a sistemas como aplicativos e softwares de criação e generativos, a exemplo dos chats como o GPT, vamos ao mesmo tempo ensinando à máquina a reconhecer nossos padrões, identificando nossa linguagem, títulos, personagens, e a cada entrega, quando aperfeiçamos esse refinamento, fazendo correções, mais vamos ensinando a máquina, ao mesmo tempo em que ela vai aprendendo a reconhecer essas informações/dados e organizando com mais velocidade e fazendo suas devolutivas. Queremos dizer que a IA é treinada pelo que oferecemos em nossas buscas, ao mesmo tempo, quando a ensinamos a reconhecer o que buscamos, desta forma, podemos levantar a hipótese, que a IA pode nos indicar os impactos sociais de uma pesquisa, à medida que vamos conduzindo determinados comportamentos a esses sistemas computacionais generativos. Trazemos Ressel e Lemes (2023), que enfatiza:

Vale notar que a criação executada pela IA generativa tem como base os produtos que já foram concebidos pela mente humana. São vários os conteúdos gerados e incluem diversas áreas, como artes, músicas, textos, imagens e design de produtos. O processo de criação por IA generativa envolve várias técnicas e modelos, entre os quais os mais destacados são as redes neurais generativas e os modelos de linguagem como o GPT (Generative Pre-trained Transformer), (Ressel, Lemes, 2023, p. 121).

A IA generativa, segundo as autoras, ainda tem um potencial criativo, tanto pelo que ela (enquanto programação) sistematiza nesses sistemas, quanto o que ela promove de potencial humano criador. Mas o que nos interessa nessa abordagem é pensar como as IAs podem nos

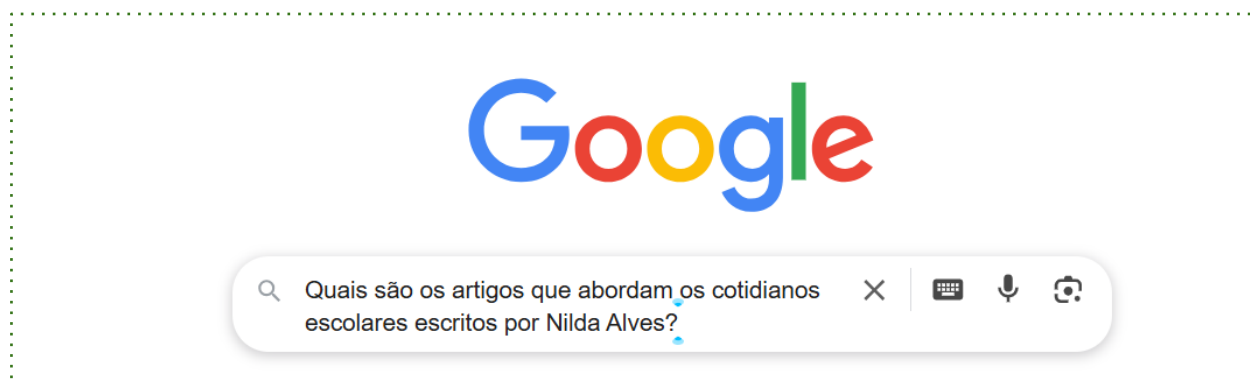
ajudar a investigar os impactos das pesquisas na sociedade. Por isso, precisamos falar de nossas experimentações com as buscas no Google e no ChatGPT.

Os usos da função de busca do Google e do ChatGPT apresentam resultados distintos. O Google entrega os links dos títulos publicados, enquanto o ChatGPT entrega um texto sistematizado a partir das informações que ele encontra sobre o assunto procurado, seja os artigos publicados, seja comentários, citações realizadas a respeito daquilo que está sendo pesquisado. Isso revela o impacto dos nossos usos nas redes a respeito daquilo que publicamos, comentamos, curtimos. Esse impacto, vai nos colocando cada vez mais responsável acerca dos usos que fazemos desses ambientes e o que promovemos com esses usos.

É importante ressaltar que este artigo, escrito em 2025, usa o ChatGPT (lançado em 2022) como exemplo por, neste momento, ainda ser uma referência popular dessa ideia de chat generativo, diante de inúmeros outros aplicativos desta natureza que estão surgindo e continuarão a surgir neste mercado.

A seguir, vamos apresentar uma experiência com a aplicação dessas funções de buscas, tanto no Google como no GPT: Colocamos a questão: "Quais são os artigos que abordam os cotidianos escolares escritos por Nilda Alves?"

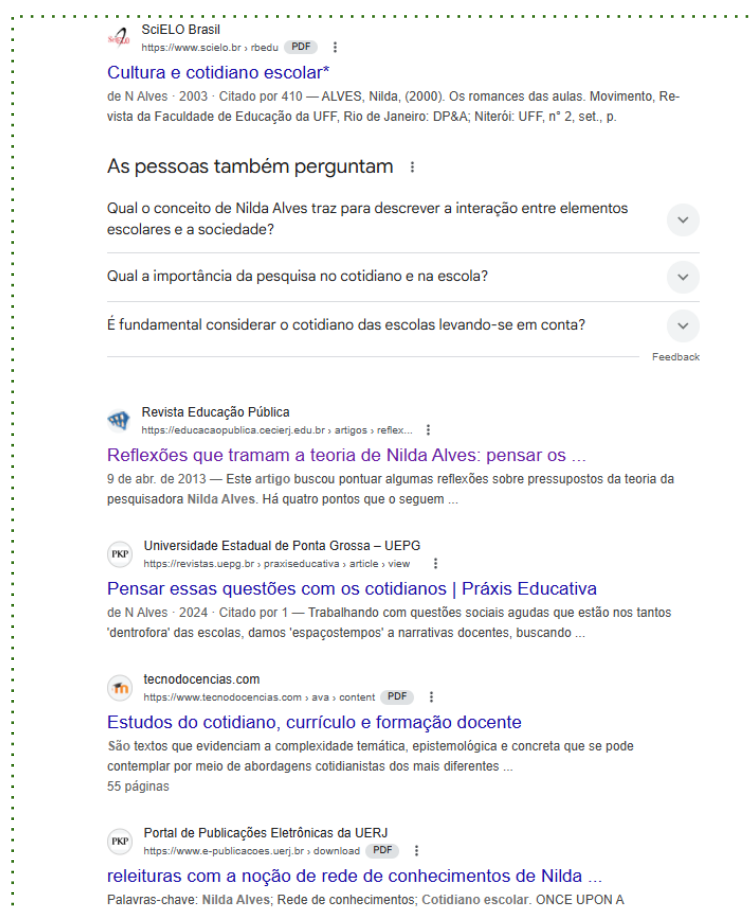
Figura 1 – Pesquisa ao Google.



Fonte: NOALE TOJA, 2025, print de tela da busca <https://www.google.com/search?Nildaalves/cotidianos>

A partir da pergunta feita ao Google, veio a seguinte informação^{viii}.

Figura 2 – Resultado do Google



Fonte: NOALE TOJA, 2025, print de tela da busca <https://www.google.com/search?Nildaalves/cotidianos>

Ou seja, o Google nos responde levando a outros caminhos possíveis a serem seguidos. E ao fazer a mesma indicação (comando, *prompt*) ao ChatGPT, a informação veio sistematizada da seguinte forma:

“Nilda Alves é uma pesquisadora brasileira conhecida por suas contribuições na área da educação, especialmente em temas relacionados ao cotidiano escolar. Ela tem trabalhado em estudos que exploram a cultura e o cotidiano escolar, abordando como esses contextos se entrelaçam com o processo de aprendizado e ensino.

Artigos Relevantes

Cultura e cotidiano escolar (2003): Este artigo de Nilda Alves, publicado na Revista Brasileira de Educação, explora a ideia de que o cotidiano escolar é um espaço onde aprendemos e ensinamos a ler, a escrever, a contar, entre outros conhecimentos, e como esses processos se desenvolvem em interações culturais e sociais dentro da escola. (2 e 3)

Criar currículo no cotidiano: Embora não seja um artigo isolado sobre cotidianos escolares, este trabalho envolve Nilda Alves e outros autores, discutindo como currículos são criados e vividos no cotidiano escolar, o que reflete sua preocupação com a formação curricular e prática educacional. (3)”

Nesta organização de dados/informações que o ChatGPT realiza, o resultado vai apresentando os ambientes (referenciais) pelos quais o GPT garimpou/capturou tais

Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, V. 11, Número Especial - pág. 56-73 set-dez de 2025: “10 anos da Revista Interinstitucional Artes de Educar” – DOI: 10.12957/riae.2025.92627

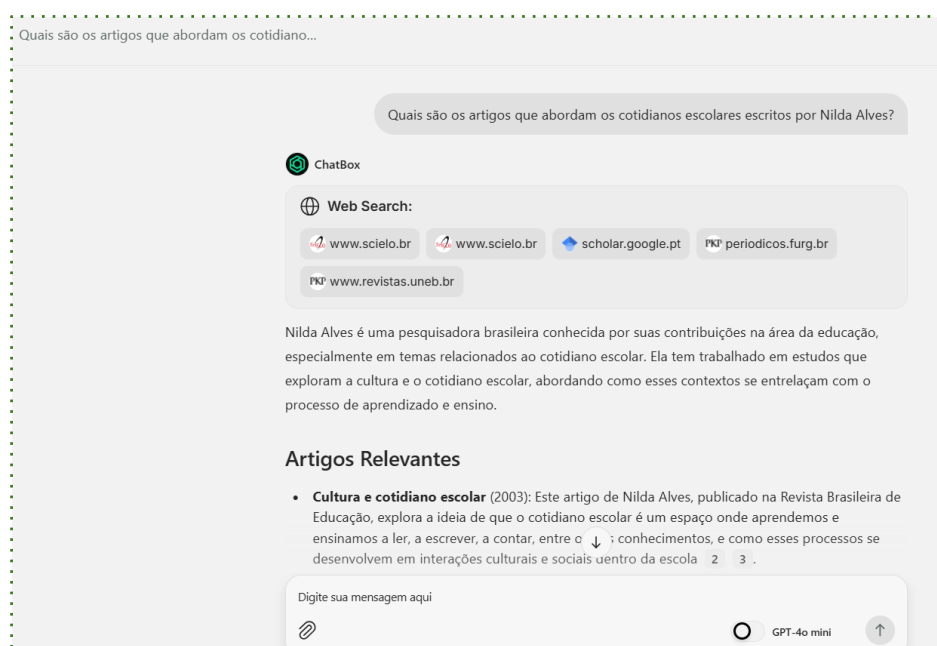
informações. Esses dados foram tratados pelos algoritmos programados para o ChatGPT encontrar essas informações na rede Scielo, Orcid, DOI, Lattes etc. Podemos observar suas indicações, logo na resposta da conversa e nas indicações de notas numéricas em tom azul, num *hiperlink*. E o Chat ainda nos alerta:

“Para uma análise mais profunda dos artigos específicos, recomenda-se consultar as fontes primárias para obter detalhes adicionais sobre a abordagem de Nilda Alves em relação ao cotidiano escolar” (ChatGPT in: <https://app.chatboxapp.ai/my/chats/eadb43d7-aa40-4f36-8329-82ceabb628fa>).

Na sequência o ChatGPT abre tantas outras possibilidades de informações a partir de perguntas disparadoras que são apresentadas com respostas ocultas, do tipo:

- “Qual é o papel da cultura no cotidiano escolar segundo Nilda Alves?”
- “Como as teorias de Michel de Certeau e Michel Foucault são utilizadas no artigo?”
- “Quais autores são mencionados no texto em relação à cultura e cotidiano escolar no Brasil?”
- “De que forma o cotidiano escolar é descrito como um espaço dinâmico?”
- “Qual é a importância de uma abordagem crítica ao estudar o cotidiano escolar, de acordo com o artigo?” (ChatGPT in: <https://app.chatboxapp.ai/my/chats/eadb43d7-aa40-4f36-8329-82ceabb628fa>).

Figura 3 – Resultado do ChatGPT

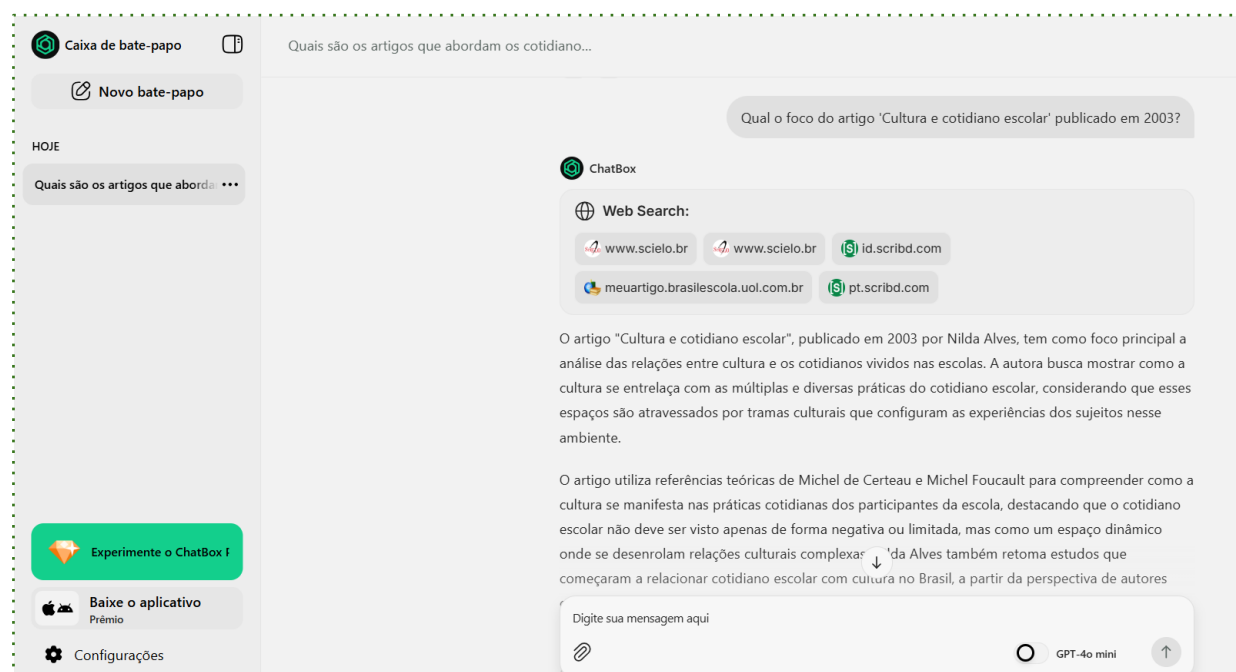


Fonte: NOALE TOJA, 2025, print de tela da busca

Diante das respostas apresentadas no Chat, fomos atrás das dobras da pesquisa com a pergunta sugerida pelo próprio dispositivo: Qual o foco do artigo “Cultura e cotidiano escolar”, publicado

em 2023? A resposta é apresentada na imagem a seguir. E, se continuássemos, estaríamos diante de uma tessitura em cruzamento de diferentes redes que trazem o tema, a autora e os contextos em que sua pesquisa é direcionada.

Figura 4 – Resultado do ChatGPT na dobra da pesquisa



Fonte: NOALE TOJA, 2025, print de tela da busca

A partir desse experimento, vamos observando a computação de número de acessos ao autor citado, quantas vezes a obra é citada. Diante dessa garimpagem e organização dos dados/informações, em como os textos são compilados, podemos arriscar em dizer que vamos tendo indicativo do seu impacto social, já que aquilo que está sendo compilado foi sendo nutrido pelo padrão formado pelas buscas, citações etc., condições favoráveis para formação da complexidade dessas redes estabelecidas pelas bases de dados alimentados pela ação humana em eterno processo de continuidade ou de repetição.

Porém, como percebemos que onde há repetição, há criação (Alves, ano), a própria máquina pode vir a criar (gerar enquanto aprendizagem "maquínica") outros textos, mudando alguns conceitos e ideias orientadoras de um modo de *'sentirpensar'* a partir de sua interpretação dos dados. Por isso, são fundamentais a leitura atenta e a checagem minuciosa das informações acerca das respostas desses "chats" generativos para identificar suas "criações", e incoerências com aquilo estamos pesquisando.

Para além do impacto social apresentado pelas métricas das redes tecnológicas - seja pelas buscas de Google ou pelos comandos das Inteligências Artificiais - há outros

‘*espaçotempos*’ possíveis que superam a mera disseminação de informação, com impacto social qualitativo. São eles: as conversas/diálogos/conversação que se produzem em congressos da área, as leituras compartilhadas de textos nas salas de aula ou nos trabalhos de grupos de pesquisa, os usos desses textos como referencial teórico nas escrituras de nossos artigos e em nossas pesquisas, filmes, podcasts, exposições (imagens, sons e afetos), dentre outros.

Conclusão

Este artigo explorou a necessidade e as possibilidades de avaliar o impacto social das publicações científicas, especialmente na área da Educação. Partindo da premissa de que os artigos, para além de produtos intelectuais, geram impacto social ao serem lidos e utilizados por diversos grupos sociais. Investigamos como a circulação científica se torna uma ideia que vai além da noção de divulgação científica, possibilitando compreender os modos de compartilhar os percursos e os usos dos ‘*conhecimentossignificações*’ produzidos em nossas pesquisas e, também, em todo o campo das pesquisas em Educação.

Trouxemos para nos ajudar a ‘*sentirpensar*’ esse percurso, a pesquisa de Caldas (2010; 2015) que analisou o uso dos dispositivos de buscas na internet, com destaque para o Google, para identificar os acessos aos artefatos culturais, tais como: jornal eletrônico e de artigos publicados em anais/livros, demonstrando a importância de ir além das métricas tradicionais de avaliação.

Com a atualização dessas possibilidades, a introdução das Inteligências Artificiais (IA), como os Chats de tecnologias generativas, oferece funções para acompanhar a circulação dos ‘*conhecimentossignificações*’ de modo mais ágil e articulado.

Se, por um lado, o Google atua como um dispositivo de acesso e disseminação de informações existentes, por outro, os chats, como o ChatGPT, ampliam essa circulação ao possibilitar a geração de novos conteúdos e interações, transformando a maneira como acessamos e produzimos ‘*conhecimentossignificações*’, no presente.

As experimentações com as funções de busca do Google e do ChatGPT revelaram a capacidade dessas tecnologias de compilar dados sobre acessos, citações e comentários, fornecendo indicativos do impacto social das publicações. No entanto, ressaltamos a importância da leitura atenta e da checagem minuciosa das informações geradas por IAs, dada ao seu modo de organização de dados, na repetição, exercer sua capacidade de "criação" com possíveis incoerências.

Para além das métricas tecnológicas, destacamos que o impacto social qualitativo se manifesta em ‘*espaçostempos*’ como conversas em congressos, leituras compartilhadas em sala de aula, usos dos textos como referencial teórico em pesquisas e produções artísticas e culturais. Assim, concluímos que, para alcançar uma efetiva circulação científica e um impacto social abrangente, é fundamental adotar táticas que vão desde a escolha das revistas que dialogam com nossas temáticas e o uso criativo das redes digitais, usando lives e grupos de WhatsApp, no momento de seu lançamento, por exemplo, até a criação de coleções temáticas em grupos de pesquisa e a promoção de conversas com outros grupos de pesquisas articulados e suas publicações. Nosso intuito foi ser mais um fio que tece essa rede de conversas nos cotidianos acerca da produção científica com o advento das IAs, e que envolve os ‘*praticantespensantes*’, reconhecendo o valor e a influência da produção acadêmica nas múltiplas redes educativas que formamos e nos formam, pensando modos de organizar e enfrentar a avaliação pela qual passaremos em nossos programas, com nossas revistas – e múltiplas produções – no quadriênio que se iniciou neste ano de 2025.

Referências

- ALVES, Nilda. A compreensão de políticas nas pesquisas com os cotidianos: para além dos processos de regulação. *Educação e Sociedade*. Campinas, v. 31, n. 113, p. 1195-1212, out.-dez. 2010. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br/>. Acessado em: 12/06/2025.
- BRELAZ, Gabriela de et Alii. A institucionalização de métricas de impacto social: o caso da UNIFESP. *Estudos de Avaliação Educacional*. S. Paulo: Fundação Carlos Chagas, v.36, e10295, 2025: 01 – 22.
- CALDAS, Alessandra Nunes. *Circulação de ideias em pesquisas com os cotidianos: os necessários contatos entre os ‘praticantespensantes’ de currículos*. Rio de Janeiro: ProPEd/UERJ, 2015. (Tese de Doutorado).
- CALDAS, Alessandra Nunes. *Redes de conhecimentos e significações e a divulgação científica em Educação - o caso do jornal eletrônico Educação & Imagem*. Rio de Janeiro: ProPEd/UERJ, 2010. (Dissertação de Mestrado).
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. CAPES. Diretoria de Avaliação. Documento referencial. *Diretrizes comuns da avaliação de permanência dos programas de pós-graduação stricto sensu*. Ciclo avaliativo 2025-2028. Avaliação Quadrienal 2029. Brasília: CAPES, 2025. In: https://www.gov.br/capes/pt-br/informacao/acoes-e-programas/avaliacao/sobre-as-areas-de-avaliacao/ciencias-humana_EDUCACAO_FICHA_2025_2028.pdf. Acesso em: 2 jun. 2025.
- CERTEAU, Michel de. *Invenção do cotidiano – 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Personagens conceituais. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1993: p.156.
- HESSEL, Ana Maria Di Grado. LEMES, David de Oliveira. Criatividade da Inteligência Artificial Generativa. In: *Manual Ético para o uso da Inteligência Artificial Generativa*.

TECCOGS – *Revista Digital de Tecnologias Cognitivas*, n. 28, jul./dez. 2023, ISSN: 1984-3585. Programa de Pós-graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital (TIDD), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). [dx.doi.org/10.23925/1984-3585.2023i28p119-130](https://doi.org/10.23925/1984-3585.2023i28p119-130).

MARTIN-BARBERO, Jesús. (2014). *Diversidade em convergência*. MATRIZES, 8(2), 15-33. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v8i2p15-33>.

NOLASCO-SILVA, Leonardo. As Redes Educativas de ‘Prácticasteorias’ Cibercorporais. *EaD em Foco*, [S. l.], v. 14, n. 2, p. e2266, 2024. DOI: 10.18264/eadf.v14i2.2266. Disponível em: <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/2266>. Acesso em: 7 set. 2024.

SORIANO, Mariana da Silva; SANTOS, Edméa. Incorporação da inteligência artificial nas aulas de matemática por meio da sua aplicabilidade no futebol. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 169–190, 2025. DOI: 10.12957/riae.2025.89147. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/89147>. Acesso em: 28 jun. 2025.

TOJA, Noale de Oliveira; TEIXEIRA, Eneida Leão. Artefatos tecnoculturais, modos de ‘sentirpensar’ as práticas pedagógicas. *Communitas*. Rio Branco, v. 9, n. 21, p. e8156, 2025. DOI: 10.29327/268346.9.21-7. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/article/view/8156>. Acesso em: 28 jun. 2025.

ⁱ 2.4.2. Observando o total da produção informada pelo PPG ao longo do quadriênio, analisando exclusivamente aquela vinculada à área da Educação, porcentagem do corpo docente permanente que: a) (...); b) possui produto intelectual (bibliográfico, **artístico-cultural**, técnico tecnológico) em coautoria com discentes ou egressos. E, ainda: c) (...); Ou d) desenvolveu produto artístico-cultural vinculado à Área e vinculado à pesquisa; Ou e) (...) Como também: 3.3.1. Impactos sociais ou acadêmicos ou educacionais (...) observando sua articulação com objetivos e identidade do programa, as contribuições geradas e as alterações positivas provocadas pela produção (...): a) PPG com até 20 DP: 2 produtos na forma de livros e/ou Produtos Técnico Tecnológicos e/ou **Produtos Artístico-Culturais**; b) PPG de 21 a 40 DP: 4 produtos na forma de livros e/ou Produtos Técnico Tecnológicos e/ou **Produtos Artístico-Culturais**; c) PPG com 41 ou mais DP: 6 produtos na forma de livros e/ou Produtos Técnico Tecnológicos e/ou **Produtos Artístico-Culturais**. <https://www.gov.br/capes/pt-br/informacao/acoes-e-programas/avaliacao/sobre-as-areas-de-avaliacao/ciencias-humana EDUCACAO FICHA 2025 2028.pdf>.

ⁱⁱ Trabalhamos, no presente com as seguintes redes educativas: a da formação acadêmico-escolar; a das pedagógicas cotidianas; a das políticas de governo; a das ações coletivas dos movimentos sociais; a de criações e “usos” das artes; a das pesquisas em educação; a de produção e ‘usos’ de mídias; a das vivências nas cidades, no campo, à beira das estradas e dos rios. São todas compreendidas como de ‘prácticasteorias’ pois, nas pesquisas com os cotidianos, entendemos que nelas são criadas, permanentemente, práticas necessárias e possíveis ao viver cotidiano, intimamente relacionadas à criação de formas de pensamento a que podemos chamar ‘teorias’.

ⁱⁱⁱ Lembramos, mais uma vez, que trabalhando nas pesquisas com os cotidianos, percebemos que as dicotomias, necessárias à criação das ciências na Modernidade, significam limites ao que precisamos ‘fazerpensar’ nas pesquisas que desenvolvemos hoje. Com isso e para disso nos lembrar, sempre, passamos a escrever os termos, antes dicotomizados, dessa forma – juntos, em itálico e entre aspas simples – Ex: ‘prácticasteorias’; ‘dentrofora’; ‘espaçotempos’; ‘aprendizagensensinos’. Muitas vezes, pluralizamos os termos e, mesmo, invertemos o modo hegemônico de escrevê-los. Percebemos, ainda, que ações, vistas como sucessivas, pelo pensar hegemônico, são sempre concomitantes (ex.: ‘verouvirsentirpensar’ filmes). Para nos lembrarmos disso, adotamos essa forma de escrever esses termos e verbos.

^{iv} Lembramos que para Certeau, o uso de artefatos traz sempre a criação de tecnologias e artefatos outros.

^v A junção desses dois termos se deu porque percebemos, nas pesquisas realizadas, que tanto em ciências quanto nos cotidianos, ao criarmos conhecimentos, criamos, nos mesmos processos, significações que os justificam socialmente.

^{vi} Orcid (traduzido) ID Aberto de Pesquisador e Contribuidor, que se trata de um código alfanumérico para identificar exclusivamente cientistas.

^{vii} DOI, sua tradução, identificadores digitais de objetos, destinado a identificar as entidades de conteúdo relacionadas nas redes digitais, as empresas que publicam, enquanto o Orcid se aplica em identificar a autoria, ou seja, o ser humano.

^{viii} <https://www.google.com/search?Nildaalves/cotidianos>